

XXIV CONGRESSO NACIONAL DA AJB – 24 A 27 DE AGOSTO EM FOZ DO IGUAÇU

TEMA: FRONTEIRAS!

M.A.R.I. MANDALAS TERAPÊUTICAS – UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO E PESQUISA UTILIZANDO A IMAGINAÇÃO ATIVA COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO

Maria Cristina Recco

CRP 08/1453

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com um grupo amostra de doze pessoas, utilizando o M.A.R.I.® (Mandalas Assessment Reserch Instrument), um instrumento projetivo que combina o desenho de uma mandala associada à escolha aleatória de símbolos e cores oferecendo um panorama dos conteúdos psíquicos referentes ao desenvolvimento psicológico do analisando. Após a aplicação do MARI® é utilizada a técnica chamada Imaginação Ativa, como fase de intervenção, que se conclui com a confecção de uma nova mandala para apreciação do processo.

Aqui será apresentado apenas uma amostra da pesquisa.

O M.A.R.I.:

A escolha do instrumento M.A.R.I., criado pela arte-terapeuta Joan Kellog, tem por base, ser um instrumento desenvolvido dentro dos princípios teóricos dos estudos de Carl Gustav Jung, que tem por objeto principal, a manifestação dos símbolos constelados na psique.

O M.A.R.I.® foi criado pela arte-terapeuta Joan Kellogg, que tendo por base os estudos de Carl Gustav Jung, desenvolveu um método expressivo de símbolos e cores que representam os vários estágios de um ciclo de desenvolvimento. (TAKEI, 2006)

Consiste basicamente em um jogo de cartas contendo 39 símbolos referentes a 13 estágios de um ciclo de vida e 45 cartões de cores. A pessoa faz escolhas aleatórias dos símbolos, combinando-os às cores. A intuição conduz o arranjo das escolhas, que distribuem-se em três naturezas, sendo elas: as que exercem alguma atração na pessoa, aquelas em que pessoa rejeita intuitivamente e também pelas escolhas que poderiam direcionar a pessoa diante dos conflitos. Assim se constelam as configurações do mapa da alma naquele momento.

A MANDALA :

A expressão mandala provém do sânscrito e significa, literalmente, um círculo, ainda que também (como composto de manda = essência e la = conteúdo) seja entendida como “o que contém a essência” ou “a esfera da essência”.

Os arquétipos para Jung, precipitam-se em imagens e à medida que elas tomam forma num modelo (mandala), retratam seus próprios significados, obtendo para o analista junguiano, material rico para sua intervenção psicoterapêutica. O homem é, basicamente, um criador de imagens, esta é a sua substância psíquica. Sua existência é a imaginação (JUNG, 2002, pág. 35).

A IMAGINAÇÃO ATIVA:

A técnica criada e utilizada por Jung para trabalhar com estas imagens interiores, é a imaginação ativa. Esta técnica, possibilita a realização da função transcendente, objetivo maior do trabalho de Jung.

Entende-se por função transcendente, a possibilidade da união do inconsciente com o consciente (o ego e o si-mesmo), formando uma posição de relacionamento entre eles, capaz de produzir uma transformação psíquica (JUNG,1986, pág. 198).

Como procedimento deste trabalho, aplica-se o M.A.R.I.®, cria-se a mandala e trabalha-se através da IMAGINAÇÃO ATIVA, os núcleos de conflitos apresentados através da análise do M.A.R.I.®MANDALA. Como finalização, cria-se outra mandala e faz-se a análise comparativa.

SOBRE OS RESULTADOS:

No tabuleiro, as cartas e cores escolhidas refletem seus profundos antagonismos com a figura materna e o desejo de se libertar dos domínios de um complexo materno negativo, que bioenergeticamente minam as forças de auto estima, auto segurança e interferem na manutenção de relacionamentos sociais e amorosos.

As cartas denominadas “de orientação”, apontaram a necessidade de enfrentamento de seus conflitos para alcançar a realização de todo seu potencial feminino.

Na primeira Mandala, a paciente trouxe um caldeirão em cozimento, o fogo alquímico transformador das substâncias inferiores em superiores.

Através da primeira Mandala, a paciente conseguiu fazer contato com a imagem, em cinco sessões, significando o contato com seus conteúdos em questão. A imagem apareceu de forma autônoma, sem que o ego da paciente pudesse obter controle sobre ela. O processo dialético foi desenvolvido através desse caldeirão que pedia sua entrega ao carbonatio. Conseguiu iniciar seu próprio processo elucidativo, ou seja, através das emoções vividas no diálogo, o ego ampliou sua consciência e a transformou- transcendência.

Realizou-se a segunda Mandala, surgindo o arquétipo feminino integrado e em desenvolvimento pleno.

O conflito já não a incomodava, pois havia sido assimilado. Estava liberta para viver seus vínculos e realizar-se.

O objeto da pesquisa é alcançado.

Susan Bello, psicóloga analista junguiana, PhD, escreve:

“...Quando a energia emocional vai aos mais profundos recantos do inconsciente, ela ultrapassa o inconsciente pessoal, até atingir as mais profundas bases dos arquétipos. Aí ela reativa o material arquetípico que é usado como cura para formar uma nova personalidade e uma reintegração da personalidade, baseada numa nova crença religiosa ou filosofia de vida recém desenvolvida”. (BELLO, 1998, pág. 16)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LYRA, S.R. Imaginação Ativa e Criativa. Curitiba: Ichthys, 2016

BELLO, S. Pintando Sua Alma, ed. Universidade de Brasília, DF, 1998

JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAKEI, M. MARI- Mandala